

Mercado de Benfica



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
DIRECÇÃO MUNICIPAL DE ABASTECIMENTO E CONSUMO



LIVRARIA MUNICIPAL

A história dos Mercados de Lisboa tem suscitado no público um interesse crescente. Para tal, foi determinante a iniciativa tomada pelo Pelouro do Abastecimento da Câmara Municipal de Lisboa, de dar a conhecer essas estruturas comerciais. O desafio tornou-se realidade com a edição da primeira brochura sobre o mais carismático Mercado da capital - o Mercado da 24 de Julho. Estava dado o toque de arranque e outros estudos se seguiram - Santa Clara, Campo de Ourique e Arroios.

Desconhecida até há alguns anos atrás, a história dos Mercados Municipais - seu funcionamento, sua dinâmica e inserção no espaço físico em que se encontram implantados - é objecto de estudo do município que, assim, vai enriquecendo a olisipografia nesta temática.

Desta maneira, damos a conhecer as características desta actividade tradicional de comércio e das suas estruturas físicas. Pretendemos sempre focar os pontos de maior interesse, como sejam as tipologias arquitectónicas dos edifícios que rodeiam esses estabelecimentos, o estudo da população, nas suas vertentes económica, social e cultural.

Vem agora à luz a história do Mercado de Benfica, um dos melhores da capital, quer no que respeita a estrutura física e equipamentos, quer ao nível de oferta de produtos e consequente sucesso junto ao público.

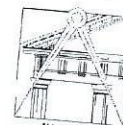
Aqui fica o convite para que o venha conhecer.

Carlos Fontão de Carvalho

Vereador do Pelouro do Comércio e Abastecimentos

3631

14 10 99



FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



Título

Mercado de Benfica

Editor

Câmara Municipal de Lisboa

Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo

Coordenação do Projecto

Departamento de Estudos e Urbanismo Comercial

Colaboração Técnica

Departamento de Abastecimentos Urbanos

Texto e Pesquisa

Emília Maria Velasco

Prefácio e Revisão de Texto Histórico

Miguel Figueira de Faria

Design Gráfico

Margarida Fragoso

Fotografia

Luís Santos (Arquivo Fotográfico da DMAC)

Arquivo Fotográfico da CML

Capa

Fotografia da Maquete do Mercado de Benfica

Tiragem

3000 exemplares

Depósito Legal

Nº 125867/98

Execução Gráfica

Grafeuropa

Bela panorâmica sobre a história do lugar de Benfica e dos seus habitantes, da toponímia aos aspectos etnográficos, da evolução demográfica à urbanística, nos é oferecida pela Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo. Numa síntese expressiva assistimos à reconstrução do passado da popular freguesia que bem poderia socorrer-se do título da clássica obra do Padre Álvaro Proença, *Benfica Através dos Tempos*, para melhor nos avisar do seu rico conteúdo que em muito ultrapassa o objecto central proposto: o mercado da Quinta da Casquilha.

Na realidade a investigação incide sobre o antigo lugar de *Benfica* que em termos administrativos só muito recentemente, a partir de 1959, se subdividiu nas duas actuais freguesias de Benfica e de São Domingos de Benfica.

Do património e passado comum desse *Benfica* antigo, fixámos a época em que, como noutras áreas periféricas de Lisboa, emergia uma ocupação multifacetada de zona agrícola e de lazer, das hortas e das quintas, que definiam e qualificavam a vida dos arredores da cidade num período em que se já se anunciava o Romantismo.

Na esteira da família real, também a nobreza e a alta burguesia não dispensavam essas casas de campo, refúgios familiares de veraneio, adornadas com belos jardins e gozando de boas vistas, com “bons repuxos e bellas ruas...lagar, cocheira, poços, caça...” requisitos fundamentais da “quinta em sítio ameno” que qualquer ministro “assaz prudente e honrado” ambicionaria possuir, à época, como nos recorda a poesia de Filinto Elísio (1734-1819).

É este ambiente que nos é igualmente transmitido pelos trabalhos de Jean Alexander Noël (1752-1834), pintor francês de *marinhas*, dedicados à Quinta de Gerard Devismes, abastado comerciante inglês do período pombalino ligado ao contrato do pau-brasil, situada nas proximidades do Convento de S. Domingos e do Palácio do Marquês da Fronteira.

Joseph B.F.Carrère, emigrado francês em Portugal, nas suas impressões sobre a quinta fixou sobretudo a colecção de plantas e árvores exóticas reunidas por Devismes que sob o auspicioso clima de Lisboa se desenvolviam ao ar livre.

Esse exotismo está também presente nas referidas pinturas de Noël, que as águas tintas de Wells, realizadas na mesma época, divulgariam amplamente. Numa das duas obras que dedicou à propriedade de Devismes em Benfica, saliente-se a massa vegetativa dominante na composição, dispondo-se em plano intermédio a volumetria equilibrada das dependências do palácio. Em fundo a moldura de um céu azul discretamente nublado e a suavidade de uma sucessão de velhos relevos onde se identifica o emblemático moinho, assinalando o horizonte rural do espaço que observamos.

O primeiro plano é reservado aos jardins da quinta e retrata o prazer dos passeios no campo que um conjunto de actores protagoniza subdividido em vários grupos errantes.

Os trabalhos rurais e a aproximação lúdica à Natureza, lado a lado, atitude evocativa do espírito nascente do Romantismo nacional bem retratada na atmosfera de Benfica recreada por Jean A. Noël em finais de Setecentos.

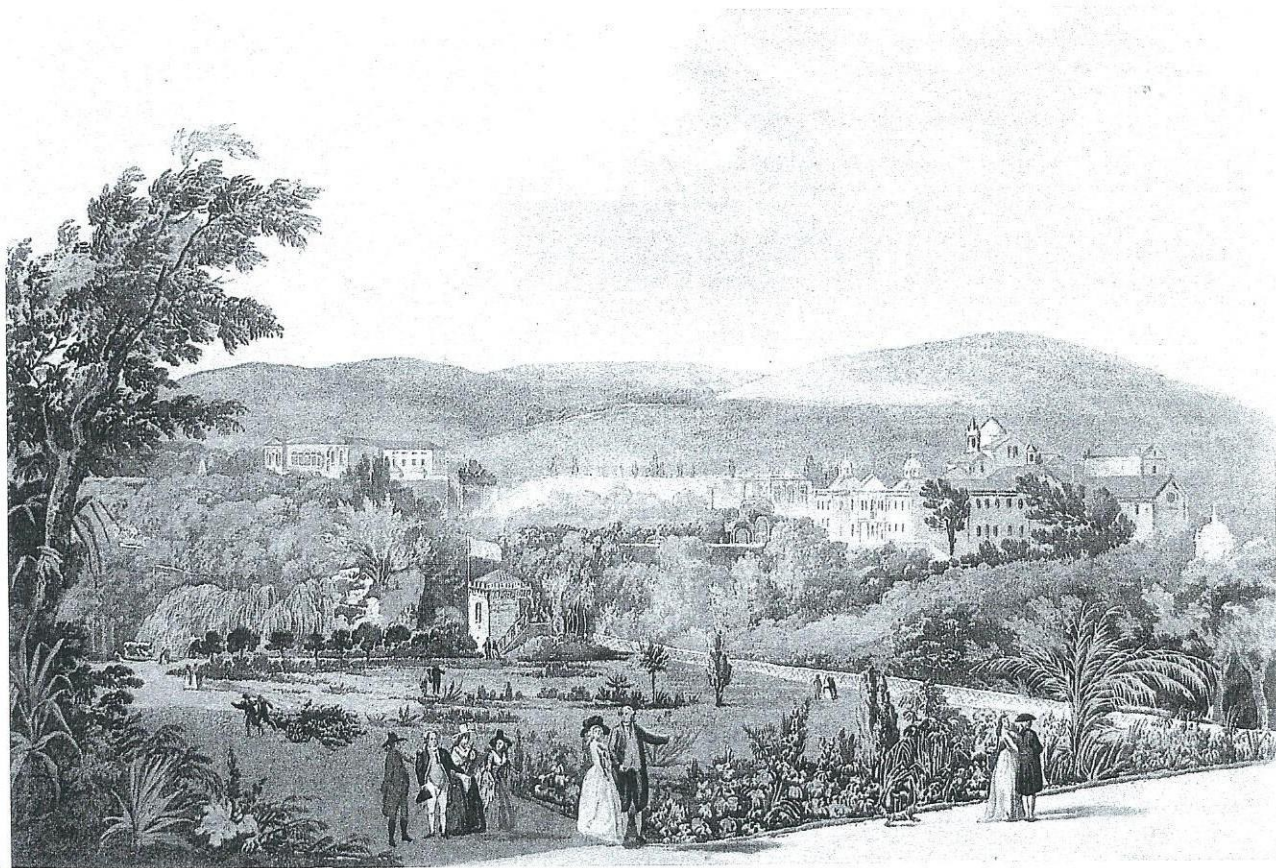
Prossegue, deste modo, a Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo o plano de divulgação sobre os mercados de Lisboa

constituindo o presente trabalho o quinto título de uma série iniciada com 24 de Julho, seguido de Santa Clara, Campo de Ourique e Arroios.

Aguardamos, com expectativa, que a Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo nos possa oferecer a síntese resultante da investigação produzida num trabalho global sobre a História dos mercados da Capital e do abastecimento de Lisboa que viria certamente enriquecer a bibliografia lisiponense.

Lisboa, Janeiro de 1998

Miguel Figueira de Faria





primeira referência que conhecemos ao lugar de Benfica encontra-se no Livro das Calendas do ano de 1263 e diz respeito à doação de uma casa nesse lugar ao Cabido da Sé de Lisboa:

**“ANNO DÓMINI MCCLXIII
XII KALENDAS FEBRUÁRI DOMUS VIVESE LIGER
DEDIT CAPITULO DOMUM IN LOCO BENFICA PRO
COMMEMORARE IN SUO ANNIVERSARIO”**

Situado num vale às portas de Lisboa, Benfica apresentava-se como um local ameno, agradável, onde os poucos habitantes que possuía desfrutavam da generosa sombra das árvores e da frescura do rio que o banhava. A óptima localização deve ter sugerido o seu nome, se bem que a tradição poética lhe atribua uma origem lendária. Sem fundamento de verdade, como veremos, diz-se que o nome de Benfica terá sido pela primeira vez pronunciado por D. João I a propósito da escolha do local onde mandaria edificar o convento dos frades dominicanos. Ao passear por estes sítios, maravilhado com a paisagem, terá dito “Aqui bem fica, aqui bem fica o convento”. Aparte o encanto da lenda, tal não é possível uma vez que D. João I viveu num século posterior ao do já citado Livro das Calendas. Inclusivamente, se atendermos ao primitivo nome da paróquia - Santa Maria de Benfica - e ao facto de quase todas as igrejas sob invocação Mariana terem sido erguidas nos primeiros tempos da Reconquista, vemos que a sua denominação recua bastante no tempo. O que não oferece dúvidas, é o facto do lugar de Benfica ter sido povoado nos tempos mais recuados da história humana, como atestam os vestígios arqueológicos aí achados e em toda a sua envolvente.

No Dicionário Etnográfico de 1870, Benfica é descrita como uma “freguesia, Extremadura, termo a 6 Quilómetros ao Norte de Lisboa, 870 fogos”, votada a Nossa Senhora do Amparo, invocação que vem desde os finais do século XIV.

Segundo o Padre Álvaro Proença, na sua obra “Benfica Através dos Tempos”,

os limites de Benfica definiam-se numa extensão de cerca de légua e meia, de nascente a poente e de norte a sul, confinando com S. Sebastião da Pedreira, dos lados de Lisboa, S. Lourenço de Carnide, Sto. Nome de Jesus de Odivelas, Nossa Senhora da Misericórdia de Belas, S. Romão de Carnaxide e Nossa Senhora da Ajuda, extra muros da cidade.

Com um território tão vasto (praticamente todo o Concelho da Amadora pertencia a Benfica), não é de estranhar que muitas congregações religiosas aqui tivessem propriedades e bens, como é o caso dos conventos de S. Vicente-de-Fora, S. Domingos de Benfica, Lóios; as colegiadas das Igrejas de Santa Cruz do Castelo, Santiago, S. Julião, Santa Maria Madalena, Santa Marinha, S. Mamede e S. Lourenço de Carnide.

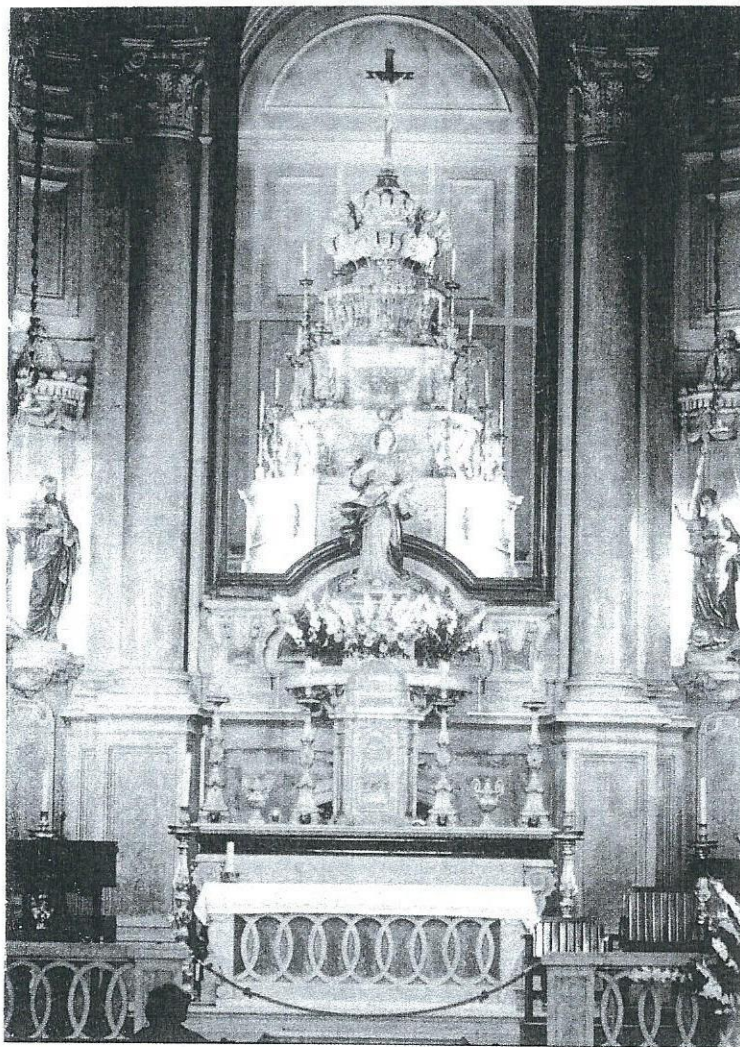
Não obstante este facto, ao tempo do terramoto de 1755, Benfica era constituída por lugares e casais distantes uns dos outros, com fraca densidade de população, cujo centro habitacional era uma quinta ou casa grande com uma capela ou ermida.

No local onde existiu desde finais do século XIV a antiga igreja dedicada a Nossa Senhora do Amparo, começou em 1750 a construção do novo templo sob o mesmo orago. A traça inicial deve-se a Frederico Ludovice e as pinturas do tecto do corpo da igreja e da Capela-Mor são de Pereira Júnior e datam de 1881-1882, altura em que a igreja foi restaurada. São também desta época os restauros das telas atribuídas a Pedro Alexandrino, destacando-se “O Baptismo de Jesus por S. João Baptista” e “S. João Baptista e seus Pais”.

Relevo também para a Sacristia e seu lavabo monolítico de mármore, com concha e espaldar formando um grande ramalhete de flores.

A paróquia de Nossa Senhora do Amparo, até à segunda metade do século XVIII, era escassa em população. Só a partir dessa altura começou a atrair gente da cidade. Muitas famílias nobres que já antes por aqui veraneavam, ao verem as casas de Lisboa em ruínas, instalaram-se definitivamente naquelas que tinham sido as suas casas de Verão. Como nós diz o Padre Álvaro Proença na sua obra “Benfica através dos tempos”, procedeu-se,





então, ao arroteamento de parte dos seus terrenos, “divididos em boas propriedades, onde apareciam, como que por encanto, muitas e boas casas com formosos jardins, grandes quintas com pomares extensos e fontes abundantes de excelente água que chegavam a dar a ilusão de que por elas havia passado um novo Moisés”. Para além das gentes ricas, Benfica era terra de gente simples dedicada ao cultivo das terras e de lavadeiras “concorrentes das de Caneças”, que na “água fria” e límpida das ribeiras lavavam as roupas de Lisboa.

Benfica era portanto, uma das cinco freguesias do termo de

Lisboa e das mais apetecíveis para a expansão natural da própria cidade. Com a divisão administrativa de 1885 e com o levantamento da Nova Linha de Circunvalação, Benfica passou a ter Portas que funcionavam directamente como Postos Fiscais de Despacho. Estas Portas de Benfica (1.12.1903) eram constituídas por duas torres coroadas de ameias onde funcionavam os serviços de controle de entrada de bens na cidade. Ainda de pé, esperam que alguém as reabilite e integre no novo tecido urbano e social para que não lhes suceda o mesmo que às de Algés.



Após a fundação da nacionalidade, todo o termo de Lisboa se povoou de mouros, sob dominação cristã, dedicados ao cultivo da terra. Chamavam-lhes saloios. Segundo David Lopes, saloio deriva da palavra "çahroi", que significa do campo, fora da povoação. Os romanos chamavam-lhe "çalaio". O mesmo autor defende que o vocábulo é árabe e significa "habitante do campo". Por transformação fonética o "r" terá passado a "l" e o acento tónico deslocou-se como acontece com as palavras terminadas em "oio". Saloio pode também derivar da palavra árabe çala ou salah que significa oração, rezada pelos mouros cinco vezes ao dia. Pode também provir de çala ou çalaio, tributo pago inicialmente só pelos padeiros do termo e posteriormente também pelos de Lisboa¹. Por se terem concentrado em torno da cidade, vivendo em grupo, abastecendo a cidade e vivendo ao mesmo tempo dela, puderam preservar os seus usos e costumes. Sendo difícil a penetração no clã (os próprios casamentos realizavam-se entre si, conseguiram manter ao longo do tempo um tipo físico e mental que os caracterizava e distinguia dos habitantes da urbe.

No reinado de D. João I, como forma de agraciamento pela ajuda prestada na defesa da cidade de Lisboa contra as tropas de Castela, muitas terras são doadas a colonos francos e flamengos. Também estes contribuíram para definir o tipo saloio que perdurou até aos nossos dias.

Continuando a seguir o mesmo autor, o saloio é entroncado, resistente e trabalhador. De tez morena, pele encorreada e requeimada pelo sol, fortemente barbado, cabelo preto, nariz grosso,

bem saliente e abatado, pernas por vezes arqueadas, aparecia por toda a parte com as suas célebres suíças, mais largas em baixo a acompanharem o alargamento da zona pilosa".

Trabalhando arduamente, retiravam da terra o produto do seu trabalho que alimentava Lisboa.

Em dias de festa, o saloio trajava, com esmero, colete, jaleca azul e botas brancas, faixa e carapuço preto, por vezes verde. Se usava chapéu desabado. "à Mazantini" significava que era saloio rico. No caso do barrete, antes de entrar na igreja, o seu utilizador tinha que o depositar em cima de um muro, "o muro dos barretes", enquanto assistia à missa. Também para os actos solenes, era de "bom tom" e sinal de prestígio usar capote azul, tipo albornoz mouro.

No século passado, a indumentária masculina já incluía a calça à boca de sino, cintada a vermelho para os solteiros, e a preto para os casados.





Falemos agora da saloia. A mulher saloia era também do tipo moreno, baixo, forte e “para além dos trinta anos já nada lhe sobrava da beleza ou simpatia da mocidade”. Trabalhava mais do que o homem e visitava diariamente as suas freguesas, levando-lhes a roupa lavada, o pão, o leite, as hortaliças e frutas. Durante séculos, emprestou à capital um ambiente garrido e de algazarra, lado a lado com a varina. Tal como esta última, foi com frequência descrita e desenhada por nacionais e estrangeiros. Usava saia rodada, bota de cano, casaquinho apertado ao seio, de cor berrante, xaile pelos ombros e lenço na cabeça. Se a ocasião era de romaria ou festa, o mantéu devia ser de parrilha ou saragoça, bem garrido, a saia debruada, o xaile do melhor e, sobre o lenço, uma carapuça.

Em tempos mais modernos, a saloia usava botas pregadas, vestia jaleca, saia de chita, sobreposta numa saia encarnada, um pouco acima dos tornozelos. A moda do lenço mantinha-se. Nas idas à feira, a saloia deslocava-se na sua égua ou outro jumento, se era rica; caso contrário, ía a pé. Tirando as grandes deslocações, os saloios andavam geralmente a pé, tendo o cuidado de cobrir o chapéu com um lenço de chita nos dias de chuva. Se o caminho era longo, levava chapéu de chuva ou varapau.

Quando recolhia a casa, guardava os fatos nas gavetas das cómodas, bem dobrados e entre toalhas. Deitava-se muito cedo, uma vez que o trabalho assim o exigia e madrugava também, pois chegar à cidade, naqueles tempos, não era obra ligeira.

As famílias saloias trabalhavam em conjunto as suas terras: “o filho mais velho lavrava e trabalhava a terra, o seguinte sachava, o mais pequeno apascentava gado, a filha mais velha fiava ou trabalhava de enxada, a mais nova guardava as vacas ou levava a comida” aos pais e aos irmãos que andavam nos campos. Escusado será dizer, que não sobrava muito tempo para as letras e que a maioria dos saloios era analfabeta, tal como a maioria da população.

De resto, “manhoso por temperamento e educação, se o queriam enganar coçava a cabeça, passava os dedos pelos lábios, muito lentamente, calado, resistindo sempre (...). Pacato, incapaz de assaltar uma pessoa ou uma casa, também raras vezes armava desordem, a não ser nas feiras aquecido pela bebida ou estimulado por rivalidades de terras, ou de freguesias”². Essa rivalidade estava patente no modo como se apelidavam uns aos outros. Os de Odívelas eram os “rapa-caldos”; os da Póvoa de Sto. Adrião “cágados”; os da Ameixoeira “catalões”; e os da Charneca “lobos” ou “ladrões”.

Profundamente religioso, o saloio não perdia uma procissão nem



uma missa ao Domingo - confessava-se e comungava, pelo menos, uma vez por ano. Cumpridor da abstinência, comia peixe, couves, batatas da horta, pão de milho e de cevada. Era generoso nas ofertas às irmandades religiosas e contribuía sempre para as romarias e feiras, nas quais participava entusiasticamente. Destas, uma tinha particular importância para o saloio, era a festa do Círio da Senhora do Cabo. Nela gastava todo o seu dinheiro, se tal fosse preciso, desde a compra dos fatos até outros expansivos gastos. Por outro lado, não se esquivava a um pé de dança num bailarico qualquer, ao serão, e nas tardes de domingo: "Nas tardes de domingos e dias santos, em casas ou recintos cedidos para tal fim, com uma concertina a fazer de orquestra, os bailes eram princípio de namoro. Melhor do que eles eram os muros dos adros onde as cachopas se escarranchavam"³. Começado o namoro, por volta dos dezoito anos, o saloio mostrava-se pouco expansivo e, por vezes, até castigador. O casamento só se realizava depois do serviço militar cumprido e, ao que parece, era mais ou menos assim: "...o padrinho do noivo, com todo o acompanhamento, ía bater à porta da noiva para depois fazer o pedido de casamento. Nos casamentos mais ricos iam uns poucos de carros com o enxoval da noiva: lençóis em grande número, toalhas, sacas de trigo, outras roupas aos montes. Depois da igreja havia uma saraivada de confeitos e grandes travessas com arroz doce e canela esperavam os convidados"⁴. Ao que consta, havia uma mesa para o noivo e outra para a noiva, ambas enormes e, a dado momento, "o padrinho levantava-se e pedia um Pai Nosso pelas almas dos parentes dos noivos e outro por aqueles que haviam feito as casas onde estavam".



No fim, dançavam todos animadamente.

O nascimento dos filhos era encarado com a alegria acrescida de quem vê chegar mais braços para o trabalho.

No século XIX, o saloio adquiriu o direito de voto e passou a ser assediado pelos políticos da região para receberem o seu favor: "...ei-los na propaganda eleitoral, a namorar o pobre saloio de Benfica, a prometer-lhe mundos e fundos, promessas que a maior parte, com o seu tradicional bom senso, não tomava a sério. Ia antes às urnas a título de favor pessoal, votar no Marquês de Fronteira ou no Mata Frades que morava mesmo pegado à igreja..."⁵.

Os saloios mostraram-se ao longo dos tempos, apesar de ligeiras modificações, desconfiados, astutos e egoístas. Muito hábeis no

negócio, trabalhadores incansáveis, chegavam à cidade montados em burros que, consoante a carga, diferia na albarda: albardão para o trabalho do campo, albarda simples para a viagem e almantricha se a saloia que transportavam era rica. Por vezes, "vestiam" ceirões de esparto de tipo marroquino ou albardão moirisco com arção em meia lua. As saloias vinham também, semanal ou diariamente, a Lisboa consoante o objectivo fosse trazer a roupa lavada ou vender os produtos da

horta. Eram então, os saloios e os citadinos que, como já dissemos, caracterizavam a população da freguesia de Benfica. Até ao surto das construções de habitação que proliferou neste século, a partir da década de quarenta, Benfica apresentou-se como uma zona tipicamente saloia, com as suas hortas, pomares e quintas. A partir da segunda metade do Século XX, sobretudo a partir da década de sessenta, Benfica assiste a um enorme surto demográfico e a sua geografia transfigura-se de tal maneira que, hoje, poucos vestígios lhe restam desse passado bucólico.

N

ão obstante todo o processo urbanizador, Benfica pôde conservar o seu enorme parque Silva Porto, mais conhecido por Mata de Benfica. Data de 1911 e possui, além de frondosa vegetação, parques de recreio para os mais pequeninos. Ao longo dos seus caminhos, dispõem-se vários bancos que convidam ao descanso e à conversa e “bicas” para matar a sede aos visitantes. Curioso o edifício das instalações sanitárias, encimado por belíssimos painéis de azulejo, estilo Arte Nova, assinados por J. Pinto.

O nome deste parque, “Silva Porto”, homenageia o grande pintor e mestre do século XIX, responsável pelo renascimento artístico que se manifestava nessa altura em Portugal. Natural do Porto (11.11.1850), formou-se pela Academia Portuense de Belas Artes. Seguidamente, partiu para Roma e Paris, como bolseiro, onde privou com nomes destacados da pintura europeia, nomeadamente, Daubigny, Placencia, Commerre e Pelouse.

Posteriormente, empreendeu uma longa viagem, desta vez custeada por si, pela Bélgica, Holanda, Inglaterra e Espanha. Regressado a Portugal, ocupou o lugar deixado vago por Tomás da Anunciação na cadeira de Desenho e Paisagem, na Academia de Belas Artes de Lisboa. Em simultâneo, à semelhança do que ocorria nos grandes centros culturais europeus, concretamente em Paris, promoveu várias exposições, às quais concorreu com obras suas. Um dos quadros que expôs na Sociedade Promotora de Belas Artes (1880), valeu-lhe uma medalha de prata. “Charneca de Belas”, assim se chamava a obra que pertenceu sucessivamente a D. Fernando e a D. Carlos.

Reconhecido já no estrangeiro, a sua fama continuou a crescer em Portugal. As várias exposições que se seguiram (organizadas pelo Grupo do Leão, ao qual pertencia), confirmaram-no como artista de mérito e diversos quadros fizeram sucesso: “Salmeja” (episódio da faina rural da Estremadura); “Os campinos”; “A volta do mercado”; “O efeito do Luar no Tejo”.

Dissolvido o Grupo do Leão e terminadas as suas exposições, foi um dos fundadores do Grémio Artístico. Seguindo a política

anterior, novas exposições surgiram e novos êxitos celebraram a sua actividade artística: “À porta da venda”; “O moíno do Gregório”; “Guardando o gado”. A sua última exposição consagrou-o definitivamente (se acaso restavam dúvidas) como pintor de grande



talento e mestre reconhecido. Nela apresentou “Conduzindo o rebanho” e “As ceifeiras”, expoentes máximos da pintura naturalista portuguesa.





tempo e a acção humana deixaram presentes em Benfica as marcas inevitáveis duma cidade que se expandiu e alargou os seus limites sem atender a um cuidado planeamento urbanístico, como atrás se referiu.

Os chamados arredores saloios foram totalmente absorvidos pela grande cidade e, a necessidade de albergar as crescentes ondas migratórias da população do campo levou a que uma urbanização desordenada se instalasse.

A feição bucólica perdeu-se por completo; as quintas dividiram-se em lotes para urbanização e as pequenas casas saloias foram também na avalanche como podemos ver pelo seguinte trecho:

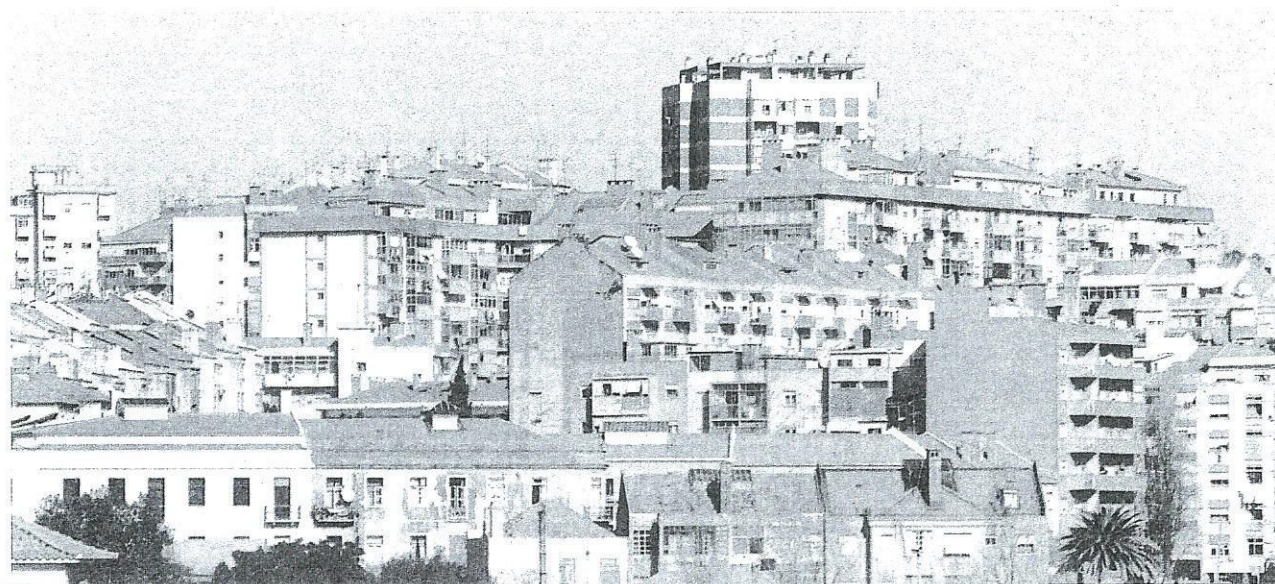
“Os grandes proprietários de outrora e o descendente do velho saloio (...) vêm-se de repente tentados pelos construtores que oferecem quantias fabulosas com a mira de os seduzir, em perspectiva de lucros que os compensem. E assim, o descendente do velho saloio, ou da família abastada, embolsa uns milhares de contos de reis, vai erguer uma vivenda moderna para qualquer parte dos arredores e para aqui vêm os que fogem do centro da cidade ou

que da província chegam em mira de vida nova, em qualquer dos casos, dado o preço a que saíram os terrenos, reduzidos à autêntica escravatura das rendas de casa, em prédios que saíram caros, enquanto construtores e os velhos proprietários das hortas esfregam as mãos e gozam dos rendimentos”⁶.

A actual freguesia de Benfica difere bastante do retrato que atrás fizemos, quer ao nível da paisagem, quer no aspecto social.

Benfica não parou de crescer desde a década de quarenta até princípios da década de oitenta. Desta data até 1991 regista já um decréscimo demográfico, na ordem dos 8,7%.

Pelos dados definitivos do censo de 1991, fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, Benfica contava nesse ano com 47 099 residentes, sendo 22.032 do sexo masculino e os restantes 25.067 do sexo feminino. É relevante o conhecimento que os residentes têm do aparelho comercial da área e os principais motivos de escolha dos estabelecimentos de compra. A preferência da população manifesta-se pelo comércio tradicional, nomeadamente pelo mercado municipal, para a compra de produtos frescos a melhores preços.





O Abastecimento de Produtos Frescos em Benfica Os Mercados de levante

Embora a maior parte da população de Benfica possuísse o seu canto de terra, o seu pequeno quintal ou grande quinta donde tirava o sustento necessário à sua sobrevivência, no início deste século começa a ser notória a necessidade de criar um local próprio de abastecimento, não só dos produtos hortícolas mas também dos produtos do mar.

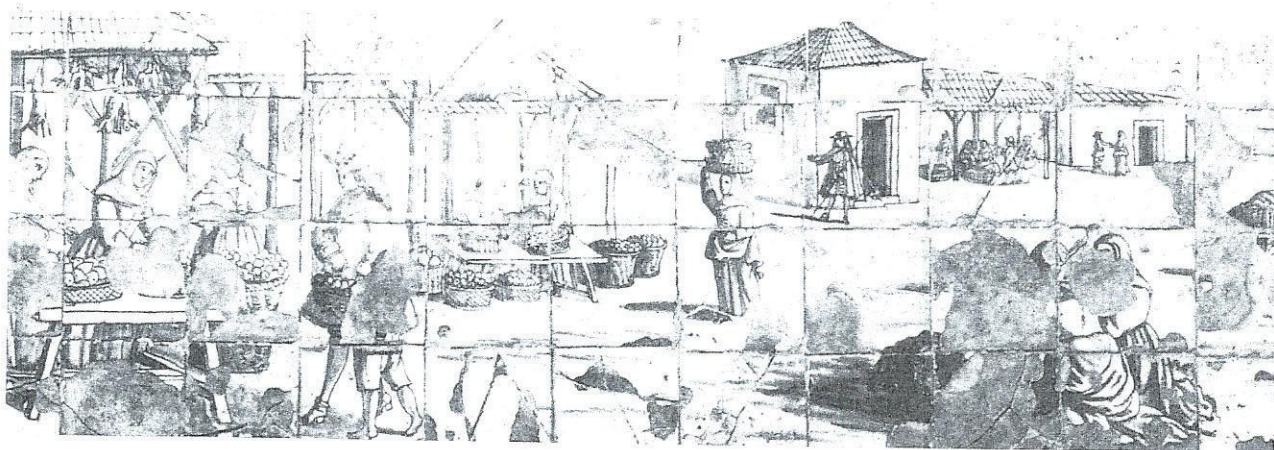
Assim, em 1 de Abril de 1923, surge nuns armazéns da Avenida Grão Vasco um mercado aberto ao público. Foi fundado por José Teófilo de Oliveira Leone, seu concessionário. Esta concessão foi dada pelo período de dez anos (escritura lavrada a 17 de Março de 1923) e depois prorrogada por mais quinze anos, findos os quais, o mercado passava para a Câmara Municipal de Lisboa. Depois deste, um outro mercado de levante instala-se nesta mesma avenida, em 3 de Julho de 1948.

Com o correr dos anos, as condições higio-sanitárias deterioram-se e a edilidade começa, desde logo, a pensar na construção de um mercado definitivo, capaz de corresponder às crescentes necessidades da população que, entretanto, aumentava acentuadamente.

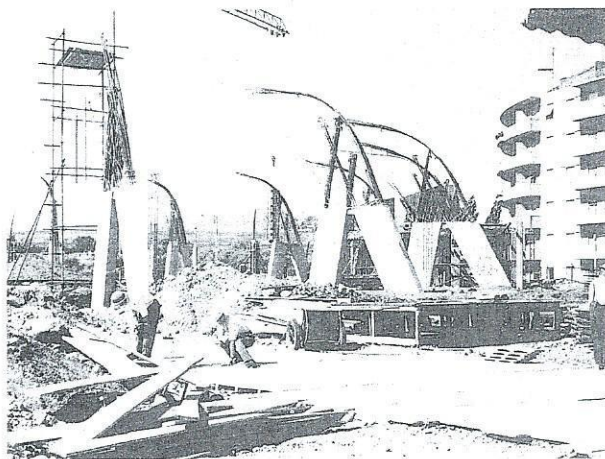
Corriam os anos sessenta e iniciava-se uma febril época de construções urbanas que, pouco a pouco, destruíram a imagem campestre da zona de Benfica, transformando-a em aglomerados de cimento apontados ao céu.



13

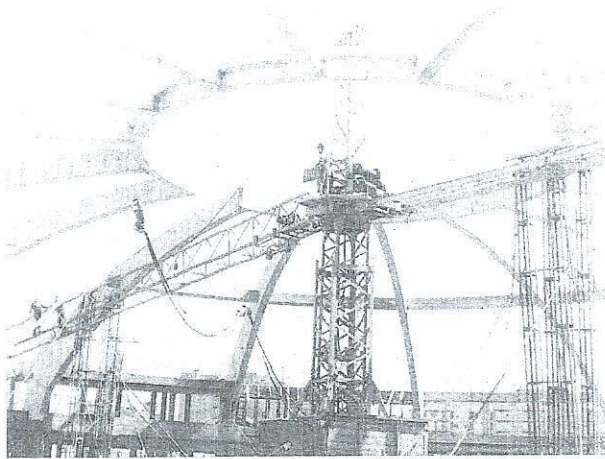


10

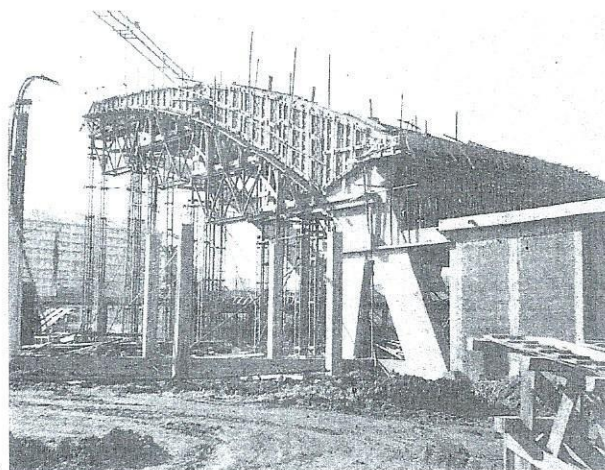


15

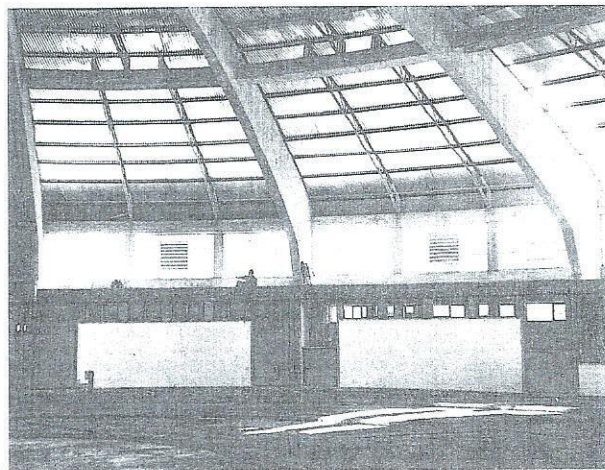
16



17



18





local eleito para a edificação do futuro Mercado foi a Quinta da Casquilha e o Projecto foi entregue ao arquitecto Fernando da Costa Belém. A construtora seleccionada, após concurso público, foi a EMPEC - Empresa de Estudos e Construções, Lda.

A escritura celebrou-se a 22 de Outubro de 1968 e foi publicada no Diário Municipal 10.102, de 26 do mesmo mês e ano. A quantia envolvida na construção deste Mercado rondou os 12 723 700\$00. As obras começaram no dia 6 de Novembro do mesmo ano. O Projecto do edifício apresenta uma planta circular, com 60 m de diâmetro (nave) e cobertura de calote esférica. Foi descrito no Plano Global do Ordenamento como um “notável exemplo de uma arquitectura com uma componente estrutural importante; é um desafio à técnica de engenharia de betão”. Foi o último Mercado a ser inaugurado antes do 25 de Abril de 1974.

O seu desenho era simples e eficaz:

- nave circular de vendas com sector de peixe ao centro;
- cintura de lojas na periferia;
- corpo estrutural homogéneo identificado.

Contava, à data de abertura, com um total de 11 lojas:

- quatro talhos (bovinos, ovinos e suínos);
- três salsicharias;
- um talho de miudezas;
- duas lojas de lacticínios;
- uma cantina;

e 151 lugares de terrado, a saber:

- noventa de produtos hortícolas frescos e secos;
- dez de fruta;
- dez de criação, ovos e caça;
- trinta de peixe e mariscos frescos;
- quatro de embalagens;
- seis de flores, plantas e sementes;
- um de gelo.

O Mercado de Benfica abriu as suas portas em 19 de Outubro de 1971, recebendo nesse dia a visita de algumas individualidades, designadamente, do Presidente da Câmara, Engº Fernando Augusto Santos e Castro e do Vice-Presidente Engº Segismundo do Carmo da Câmara de Saldanha.

Este Mercado foi definido, sob o ponto de vista arquitectónico e de localização, como ideal.

No entanto, logo em 1972, um ano após a inauguração, começou um novo capítulo na vida deste tão novo Mercado.

Ao contrário do que seria de esperar, a população numerosa e, na sua maior parte jovem, não frequentava assiduamente o Mercado, preferindo fazer as suas compras em outro tipo de estabelecimentos - os supermercados - que, nesta época, se encontravam já em fase de expansão. Um deles ficava particularmente próximo - o Pão de Açúcar da Venda Nova. Por outro lado, a concorrência do Aglomerado de Venda Ambulante da Rua General Morais Sarmento também se fazia sentir intensamente.

Mas, outros factores contribuíram também, para o descontentamento do público, como por exemplo: métodos antiquados de exposição e venda de produtos; falta de empenhamento dos comerciantes; más condições higio-sanitárias; horário de funcionamento restrito; falta de publicidade junto da população e dos inúmeros restaurantes. A juntar a todas estas situações, acresce o facto de o Mercado não oferecer grande variedade de produtos nem de preços. Resultado: muitos dos lugares começaram a vagar.

Temos, portanto, um Mercado envelhecido “prematuramente” e marginal no abastecimento da zona.

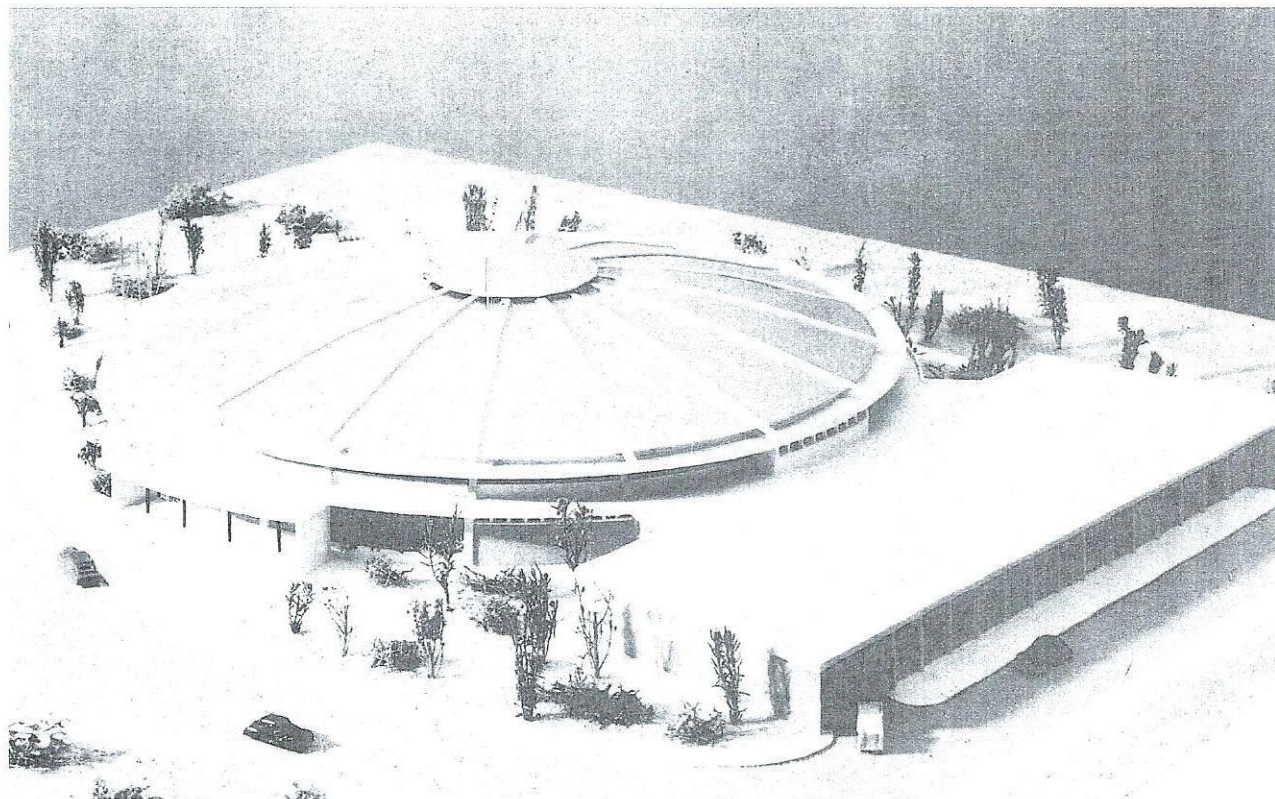
O Município “meteu mãos à obra” e, aqui e ali, empreendeu melhoramentos: alargamento da área comercial e maior leque de produtos para venda. Procedeu à reinstalação dos sanitários e construiu lojas de dimensão igual à dos talhos.

Foram também executadas obras de conservação e manutenção do edifício e das respectivas infraestruturas.

Mas, todo este conjunto de beneficiações não foi suficiente para a recuperação do Mercado, tornando-se necessário planificar uma intervenção mais profunda para resolver eficazmente todas estas situações.



19



20

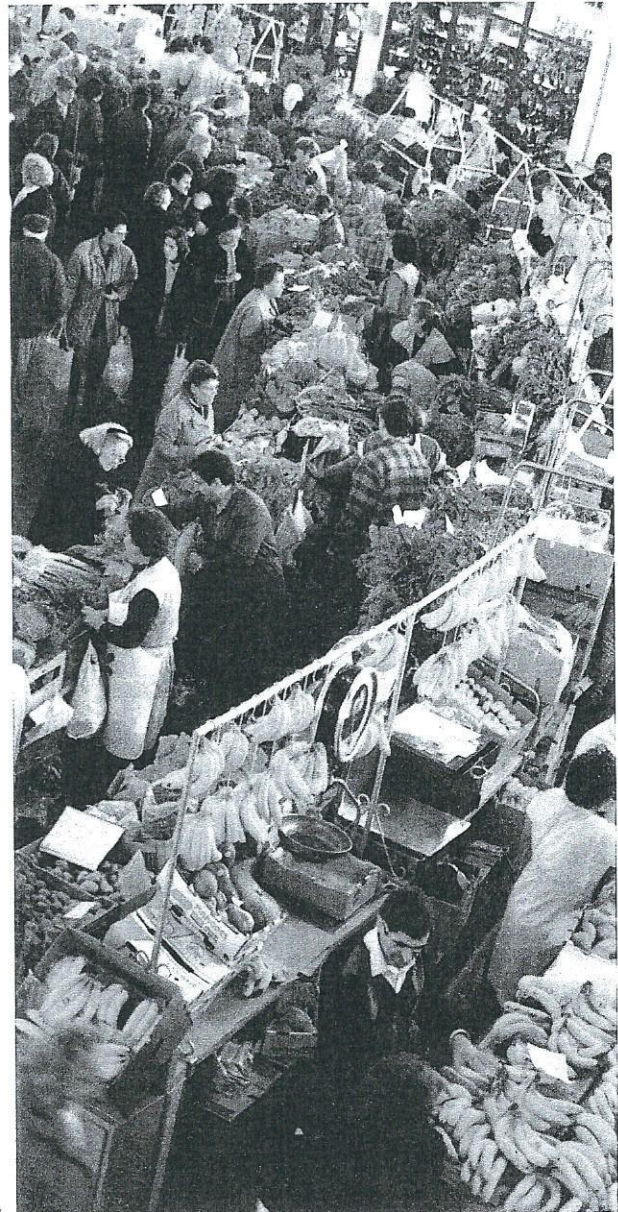


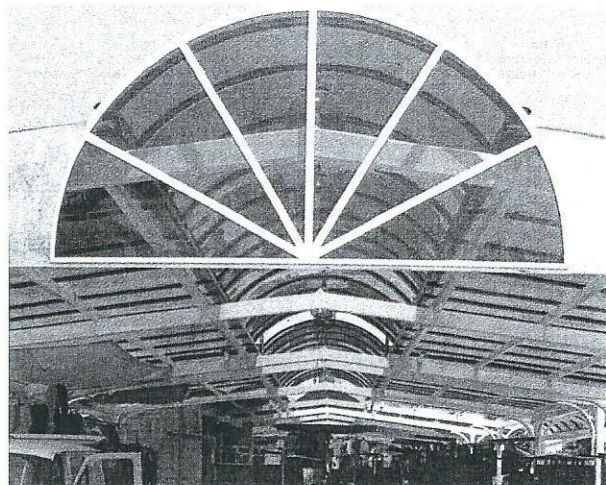
Plano Global de Ordenamento desenvolvido com o objectivo de reabilitar o Mercado de Benfica, como ponto preferencial de aquisição de produtos alimentares frescos, teve em conta os seguintes aspectos:

- remodelação do interior do edifício;
- modernização da imagem do mercado;
- beneficiação das condições de higiene e limpeza;
- modernização da exposição dos produtos, substituindo bancadas de pedra por outros expositores;
- redução do número de comerciantes de peixe e de hortícolas e aumento das dimensões dos seus espaços, por forma a melhorar as condições de comercialização, permitindo assim, baixar os preços;
- diversificação da oferta de produtos;
- alargamento do horário de funcionamento, tendo em conta o regresso das pessoas ao fim do dia de trabalho;
- promoção do mercado através de campanhas diferenciadas junto da população e dos restaurantes e cervejarias;
- aumento das vendas com entrega directa a estes últimos.

Outro aspecto não menos importante considerado no Plano foi a integração do aglomerado de Venda Ambulante da Rua Morais Sarmiento no próprio mercado. Nesse sentido, foi construída uma cobertura contígua ao edifício para os comerciantes dos produtos não alimentares enquanto os de produtos alimentares se instalaram no próprio recinto de venda do Mercado. Desta acção destaca-se a integração do importante sector de peixe que contava, nessa altura, com um total de 32 vendedores.

Temos, portanto, uma cuidada estratégia comercial concebida para devolver a este mercado a primazia no abastecimento de bens alimentares frescos à população de Benfica.







Projecto de Ampliação tinha como referência o Plano Global de Ordenamento, acima descrito, e visava, essencialmente o enquadramento do aglomerado de venda ambulante. Assim, previu-se a construção de um corpo adjacente ao edifício, no seu passeio sul, preenchendo uma área coberta total de 1.450 m².

Esta concepção contribuiu, não só para concentrar a actividade comercial numa estrutura adequada, mas também para complementar a própria actividade existente no interior do mercado. Por outro lado, introduziu novas regras ao nível de organização e funcionalidade dos espaços destinados a este tipo de comercialização de produtos, beneficiando o espaço urbano em que se integrava.

No Projecto de Ampliação do Mercado da Casquilha, (arquitecto Moreira Gomes - 1993), atendendo ao objectivo pretendido (criação de um corpo extra-edifício), a preocupação fundamental em termos de concepção foi a do ajustamento ao edifício original, de maneira a que o público visse nele uma certa continuidade do interior do mercado. Esta foi conseguida através de uma grande área totalmente coberta, ligada ao edifício por uma das antigas portas (porta sul), não necessitando o utente de utilizar percursos de difícil leitura ou de ultrapassar obstáculos físicos desaconselháveis.

A cobertura tem a mesma altura do mercado, onde a nave de venda se compõe de uma calote esférica a grande altura, contrastando com os níveis inferiores das coberturas das lojas que se situam em toda a periferia.

A relação com o exterior faz-se pela ausência de paredes de fecho desta área, permitindo uma fácil apropriação dos espaços contíguos, e pelo fácil acesso a estes.

O projecto prevê a construção de uma nova estrutura do tipo espacial, com características autoportantes, que permite vencer os grandes vãos sem ter que recorrer a uma malha de pilares muito apertada e restritiva.

Esta solução estrutural, já há anos utilizada na Europa e na América do Norte, com bons resultados práticos começava, na altura, a ser utilizada também em Portugal com grandes vantagens: fácil resposta às necessidades de construção; fabricação por elementos em série; facilidade e rapidez de montagem.

A estrutura modulada é constituída por perfis de aço de secção

circular, suportados em banzós e diagonais.

A área de ampliação divide-se numa ala nascente, num corpo central e numa ala poente. A cobertura sobre toda a superfície, de aspecto leve, é feita em chapa de aço perfilada. Para formar os pendentes, opta-se por chapas montadas sobre uma estrutura metálica em perfis de ferro metalizado com carácter secundário (não estrutural).

O projecto prevê, ainda, que o espaço entre a cobertura central, de maiores dimensões, sobrelevada em relação à cobertura periférica, seja preenchido por envidraçados e grelhas de ventilação, enquadrados por uma caixilharia em perfis metálicos.



Quanto ao pavimento, “as características específicas da calçada; as suas qualidades comprovadas como acabamento de pavimentos exteriores, aliadas à sua beleza plástica e ainda o facto de ser este o recobrimento de toda a área que circunda o edifício do mercado”⁷, motiva a opção de manter o existente (calçada), desenhado a malha quadrangular, solução que permite criar uma superfície coerente e homogénea.

Importa referir o Reordenamento interior do Mercado, efectuado entre Março de 1996 e Janeiro de 1997, com vista a uma distribuição adequada dos vários sectores de produtos.

O anel central foi remodelado e engloba agora 17 comerciantes de peixe fresco, ficando o anel intermédio com 10 comerciantes de peixe fresco e 5 de peixe congelado.

Os lugares de hortícolas e frutícolas foram melhorados com o fecho a alvenaria forrada a azulejo. Estes sectores foram também ampliados através da criação de mais lugares nos seus topos e da introdução de cubas inox de lavagem (uma para cada dois comerciantes).

O sector de lacticínios, pão e bolos, localiza-se agora no terceiro anel, virado para as lojas, e o sector de venda de criação encontra-se na parte interior do mesmo anel. Assim, desta beneficiação dos lugares de venda e reestruturação dos vários sectores, resultou uma melhor qualidade do serviço prestado aos consumidores.

No que respeita a estruturas de apoio, este Mercado foi apetrechado com uma máquina de fabrico de gelo, para além do melhoramento das câmaras frigoríficas existentes, e um compactador de lixo.

O sistema de ventilação do edifício foi também beneficiado com a instalação de janelas com persianas metálicas em todo o perímetro, na parte superior.

No decurso de 1998 executar-se-ão diversas obras, tais como, a substituição do pavimento exterior por cubos de calcário branco de 10 x 10 cm, e de cubos de basalto ou calcário preto respeitando o desenho original mas tornando a calçada mais resistente. Será também repavimentada toda a zona do cais.

Encontra-se em estudo a hipótese de reparação ou substituição da cobertura do edifício.

As obras regulares a que este Mercado foi e é sujeito, ao longo da sua existência, permitiram reabilitá-lo e recuperar grande parte da sua clientela, particulares e restaurantes, tornando-o num dos mercados retalhistas mais rentáveis de Lisboa.



26



27

NOTAS

1
ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA,
Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 26, p.778

2
PROENÇA, Padre Álvaro, *Benfica através dos tempos*,
Lisboa, União Gráfica, 1964, p. 47

3
Ibidem p. 51

4
Ibidem Nota 3

5
Ibidem p. 48

6
Ibidem p. 36

7
MERCADO DE BENFICA, Casquilha: *Projecto Geral
de Ampliação*, Lisboa, Atelier José Vaz Pires, p. 8

Índice Fotográfico

1
Vista da Quinta de Gerard de Visme, reprodução da gravura de Noel

2
Igreja de Benfica

3
Igreja de Benfica, pormenor do altar

4
Igreja de Benfica, pia baptismal

5 / 7
Saloios, in "O Povo de Lisboa", CML, Exposição Iconográfica, 1979

8
Antiga Quinta da Casquilha, pormenor

9
Parque Silva Porto, sanitários

10
Parque Silva Porto

11
Urbanização de Benfica, pormenor

12
Mercados de Levante, in "O Povo de Lisboa", CML, Exposição
Iconográfica, 1979

13
Antigo Mercado de Levante em Benfica

14
Painel de azulejos reproduzindo o Mercado, existência numa antiga
quinta em Benfica

15 / 18
Mercado de Benfica, pormenores da construção

19
Mercado de Benfica, fotografia aérea

20
Mercado de Benfica, maquete

21
Mercado de Benfica, pormenor do sector de horto-frutícolas

22 / 24
Mercado de Benfica, pormenores de actividade depois da ampliação

25 / 27
Mercado de Benfica, pormenores da remodelação

3631

14 10 99

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA / PELOURO DA CULTURA,
Agenda Cultural, Lisboa, 1991

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA / DIRECÇÃO DOS SERVI-
ÇOS DE ABASTECIMENTO, *Relatório da 1ª Repartição -
Mercados e Fiscalização Sanitária*, Lisboa, 1971/1973

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA / PELOURO DA EDUCAÇÃO,
Pelas Freguesias de Lisboa, Lisboa, 1993, Vol. 1

ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, Lisboa, Editorial
Enciclopédia, s.d., "saloio"

MERCADO DE BENFICA, *Plano Global de Ordenamento,
Levantamento*, Lisboa, Atelier José Vaz Pires, s.d.

MERCADO DE BENFICA, *Casquilha: Ampliação-Projecto de
execução*, Lisboa, Atelier José Vaz Pires, s.d.

MERCADO DE BENFICA, *Casquilha: Memória descritiva,
(arquitectura, estrutura, esgotos)*, Lisboa, Atelier José Vaz Pires, s.d.

PROENÇA, Padre Alvaro, *Benfica Através dos Tempos*, Lisboa,
União Gráfica, 1964

PINHO LEAL, *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1873, Vol. 1